

ENTREVISTA COM SILVIA LEONOR ALONSO – DIRETORA CIENTÍFICA DA FLAPPSIP (2023-2025)

ENTREVISTA COM SILVIA LEONOR ALONSO –
DIRECTORA CIENTÍFICA DE FLAPPSIP (2023-2025)

INTERVIEW WITH SILVIA LEONOR ALONSO –
SCIENTIFIC DIRECTOR OF FLAPPSIP (2023-2025)

Mara Selaibe
ORCID: 0009-0001-8871-4301
Correio eletrônico: maraselaibe@gmail.com

Maria Beatriz Vannuchi
ORCID: 0009-0000-8932-1094
Correio eletrônico: mbeatriche@gmail.com

Data de Recebimento: 30-04-2024
Data de Aceitação: 07-05-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Selaibe M. - Vannuchi M.B. (2025) ENTREVISTA COM SILVIA LEONOR ALONSO –
DIRETORA CIENTÍFICA DA FLAPPSIP (2023-2025)

Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.16
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

ENTREVISTA COM SILVIA LEONOR ALONSO¹

– Diretora Científica da FLAPPSIP (2023-2025)

Mara Selaibe²

Maria Beatriz Vannuchi³

Representantes do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae no Comitê Editorial de Intercambio Psicoanalítico

¹ Psicanalista. Uma das fundadoras e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora e supervisora no mesmo Instituto desde 1978. Coordenadora do grupo de pesquisa “O feminino e o imaginário cultural contemporâneo” desde 1997. Fez parte do grupo fundador da revista *Percurso* e integrou seu primeiro conselho editorial. De 1977 até 1980, foi coordenadora e professora da área de Psicanálise no curso de formação em psicoterapias da pós-graduação lato sensu da PUC-SP. Residiu na Argentina até 1976, tendo sido docente na Universidad de Buenos Aires (UBA) e na Escola de Psicologia Freudiana e Psicanálise (EPFSO). Autora dos livros *Histeria* (Casa do Psicólogo, 2004), *O tempo, a escuta, o feminino* (Casa do Psicólogo, 2011) e *Ressonâncias da clínica e da cultura* (Blucher, 2022) e organizadora e autora de outros seis livros.

² Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora e supervisora no Curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea do mesmo Departamento. Ele publicou o livro: *Ensaio clínico sobre o sentido - pulsões, fantasia e pensamento onírico* (2003) Edusp/Casa do Psicólogo.

³ Psicanalista e Analista institucional, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Ele publicou, entre outros: *Afinal, o que faz um psicanalista na Clínica do Testemunho? Em Percurso*, (52), 103-112. De pais para filhos, quando as histórias são interrompidas, in *Travessia do Silêncio, Testemunho e Reparação* (2015). Instituto Projetos Terapêuticos, Ministério da Justiça.

Intercambio Psicoanalítico: *Como você compreende a inserção da proposta científica do XIII Congresso FLAPPSIP na concepção que fundamenta a Federação?*

Silvia Alonso: Todos os Congressos bianuais realizados pela FLAPPSIP estão ancorados na concepção que fundamenta a Federação. Na própria ata de fundação encontra-se escrito: “A Federação nasce pelo desejo dos integrantes de diversas associações latino-americanas de conhecer, trocar e analisar as próprias problemáticas, tendo como ponto de encontro a Psicanálise, teoria e clínica, e a produção de novos desenvolvimentos”. Nesse sentido os Congressos bianuais têm um papel fundamental por serem momentos de encontros dos membros das Associações para as trocas de seus pensamentos e suas práticas.

Pensando especificamente na proposta científica deste XIII Congresso, ela é um convite a aprofundar a reflexão do sujeito na cultura, imerso e banhado pelas dinâmicas do mundo contemporâneo; mundo este fortemente marcado por permanentes, rápidas e intensas transformações. Em nossos dias, a quantidade de acontecimentos presentes no cotidiano faz com que os sujeitos vivam permanentemente surpreendidos por mudanças: as mudanças climáticas a lhes alterar as rotinas e por vezes a submergi-los em situações de caos; os avanços tecnológicos em cuja velocidade não se deixam ser antecipados sequer pela ficção; as bruscas transformações na política, na economia, na ética, nas comunicações; as guerras e o terror. Todas essas mudanças quebram as certezas, deixando o sujeito permanentemente em contato com o incerto, o inesperado e o desconhecido. Em permanente estado de assombro.

Nesse estado de estranhamento, existe a ameaça de os sujeitos serem tomados por um medo paralisador. Mas, de outra parte, o estranho pode acender a chama da curiosidade e ser a base do pensamento, mobilizar as forças de vida, fomentar o caminho da criação, da transformação e dos espaços para o novo.

A proposta do XIII Congresso vai ao encontro da explícita intenção da Federação em pensar o sintoma no mal-estar na cultura. Em pensar uma Psicanálise articulada com o contexto social e cultural, não deixando que ela se converta num dogma fechado e inamovível, mas sim que se deixe interrogar pelas mudanças de seu tempo. O subtítulo: o pulso atual da Psicanálise nos conduz a pensar na atualidade e na vitalidade da Psicanálise como instrumento para entender e transformar as subjetividades submersas nos efeitos deste mundo. E também a fazer do Congresso um fórum para conversar sobre a clínica, suas mudanças e aberturas, de maneira a seguir o princípio da hospitalidade na direção de ampliar seus dispositivos clínicos, bem como se permitir guiar pelo princípio da singularidade na escuta e no enquadre a fim de deixar caber as novas formas de sofrimento, e poder caber na vida das pessoas. Esta proposta do XIII Congresso se encontra com os princípios da FLAPPSIP ao nos convidar a nos debruçarmos tanto sobre os fenômenos individuais quanto sobre os coletivos – seguindo a mais forte tradição freudiana ao incluir no seu campo de reflexão a cultura, a religião, a arte e os fenômenos de massa.

Finalmente, a proposta está feita a partir da concepção não de uma única Psicanálise, mas sim de muitas perspectivas psicanalíticas diferentes e convida a nos reunirmos para, a partir delas, fazermos as trocas. Esta tem sido a postura da Federação sempre reconhecedora e respeitosa diante das diferenças entre as Associações filiadas, as quais, por sua vez, evidenciam as diferenças da história da Psicanálise em cada país.

I P: *O XIII Congresso FLAPPSIP está composto por seis eixos temáticos e uma diversidade de temas. Você diria haver um denominador comum entre esses eixos ou algum fio condutor a ligá-los?*

S A: Sim! Conforme explicitado na pergunta, os eixos temáticos são seis e dentro deles encontra-se sugerida uma quantidade importante de temas. Dos seis eixos propostos, três são conceitos: Eros, alteridade e criatividade; são três caminhos centrais pelos quais propomos circular as reflexões. Dois deles explicitam o contexto, explicitam mais especificamente mudanças que estão acontecendo no mundo e os desafios por elas engendrados para o pensamento psicanalítico. O último eixo trata do assombro, significante central com o qual tentamos sintetizar a vivência chave que marca o sujeito nesse contexto. Cada um desses eixos se desdobra em temas mais específicos com o intuito de facilitar aos autores identificarem sua reflexão com um deles. Sobre cada um deles podemos aqui, brevemente, tecer alguns apontamentos.

As mudanças na sexualidade e nas formas de amar vêm sendo grandes. Também as configurações familiares e as formas de reprodução humana têm se transformado. Como nessas novas condições Eros pode fazer seu trabalho de ligação, de vinculação, e ainda, como trabalhar com os excessos?

A alteridade como conceito fundamental na relação entre eu e outro, o reconhecimento das diferenças, o respeito pela autonomia e a individualidade do outro, a empatia com o sofrimento do outro e a possibilidade de diálogo são parâmetros fundamentais. Muitos fenômenos de forte presença na atualidade nos convocam a refletir sobre o campo da alteridade: a virtualidade, as migrações de populações e as respostas xenófobas e segregacionistas frente a ela, os avanços nas lutas das mulheres e a persistência de atitudes misóginas; as polarizações políticas e os discursos de ódio, as guerras... Tudo isso nos interroga de que outro se trata em cada uma dessas situações. O outro – como diferença – está sendo borrado, sendo apagado? Ao mesmo tempo, esses acontecimentos também convocam à reflexão os espaços de abertura: as clínicas públicas, as inclusões na clínica e no pensamento das sexualidades plurais e das diferenças de raças e etnias.

Em relação à criatividade, tanto na clínica quanto na cultura, se traduz como caminho fundamental para transformar o sofrimento em conhecimento, arte, inclusão do novo.

Os dois eixos seguintes colocam como foco as mudanças concretas acontecidas no mundo: avanços tecnológicos, virtualidade, mudanças climáticas e as consequências desses fatores nas subjetividades e nos relacionamentos. O uso excessivo das telas e seus efeitos sobre as crianças e adolescentes, a penetração da IA na vida humana diária, os fenômenos de cyberbullying, cancelamentos, fake news e seus efeitos nas relações em todas as idades são problemáticas em relação às quais, sem dúvida, precisamos nos debruçar e trocar ideias a respeito.

O último eixo situa o assombro como vivência permanente que permeia nossas vidas. Nesse mundo de constantes e rápidas mudanças que quebram as nossas certezas e nos exigem conviver o tempo inteiro com as incertezas, com o desconhecido, com o inesperado, nos levando, por vezes, à paralisia pelo medo, mas podendo também estimular a curiosidade que impulsiona o pensamento e move as transformações.

Vale ainda reafirmar um dos fundamentos da FLAPPSIP: a experiência de transferência no espaço de uma análise individual é fonte essencial na qual o pensamento analítico se nutre, mas não a única: outros espaços coletivos de existência também são fontes alimentadoras do pensamento psicanalítico. Este fundamento alinhava os eixos temáticos propostos. Como a psicanálise conversa com o mundo atual? Como o mundo atual interroga a psicanálise e provoca aberturas na clínica? Como, a partir de nosso ofício, colaboramos para sustentar o humano?

I P: *Em tempos de primazia da virtualidade, que ofusca as dimensões de alteridade, o fato de o XIII Congresso ser realizado de modo exclusivamente presencial não poderia ser considerado também como uma escolha que valoriza a convivência, marcando a importância da presença física nos coletivos de psicanalistas?*

S A: Não farei aqui uma análise das vantagens e das perdas a partir da generalização da virtualidade em nossas vidas. Certamente reflexões sobre seus efeitos serão temas de análise no próprio Congresso. Penso que são reflexões muito necessárias já que os efeitos são muito amplos: na constituição do psiquismo, nos campos das formas de relacionamentos e sexualidades, na construção de identidades e de alteridade, na própria constituição do inconsciente. Alguns autores já se referem ao inconsciente conectivo. Mas certamente estas reflexões amplas e complexas não cabem no espaço desta entrevista.

No que se refere aos congressos posso dizer que a virtualidade nos deu possibilidade de manter o congresso FLAPPSIP durante a pandemia e realizar um híbrido na pós-pandemia. Neste momento consideramos que era importante retomar o modo presencial por entendermos que um congresso, além de ser intercâmbio de informações (o que pode ser feito nas duas modalidades: virtual ou presencial), também é uma oportunidade de encontro e de trocas afetivas entre as pessoas, de experiências vibrantes compartilhadas desde um abraço até uma refeição ou um evento cultural. Em um congresso está o que se transmite numa

apresentação, num texto lido numa mesa ou numa conferência, mas está também o que se transmite num diálogo espontâneo, ou num confronto num debate, estes certamente favorecidos pela circulação mais espontânea do presencial.

Gostaria de marcar três pontos do Congresso FLAPPSIP:

I- O congresso não é um encontro, mas, sim, o encontro dos seus membros. Por estes pertencerem a diferentes países, não temos outros encontros de grande porte a não ser esse momento de grande importância para se fortalecer os vínculos entre as instituições e as pessoas.

II- Um dos fundamentos da FLAPPSIP consiste em fazermos uma psicanálise situada, no tempo e no espaço, marcada pela História deste pedaço do planeta que é a América Latina. Para contemplar essa complexidade geográfica, de dois em dois anos a sede da Diretoria é transferida para outro país, num sistema de rodízio entre todos. Assim, cada congresso acontece no país sede. Desta vez será no Peru. Dessa maneira, cada encontro se dá num determinado contexto, no qual algo das marcas históricas e culturais do país pode banhar o encontro e permitir compreender melhor a Psicanálise que se faz nesse país e os pontos sobre os quais as reflexões prevalecem nesse lugar. Além, inclusive, de permitir trocas com outras Associações do país fora da FLAPPSIP. Poderíamos costurar a linha de história dos Congressos FLAPPSIP através de seus temas; contudo, poderíamos fazê-lo também costurando os pedacinhos de História pelas marcas de seus contextos geográficos culturais. De outra parte, em cada Congresso acontece também a Assembleia de delegados de todos os países membros. A oportunidade para eles se conhecerem pessoalmente e conviverem por três dias, de modo intenso, dá a essa rede uma materialidade de experiências muito importante para se sustentar como rede conectada no restante do tempo.

III- Por último, quero lembrar a especificidade de nosso ofício, um trabalho no qual a subjetividade, o mundo afetivo e a intimidade estão no centro. Isso faz com que um congresso virtual limite significativamente as trocas diretas sobre a clínica. Tanto por questões de sigilo em relação aos analisandos, quanto pelo necessário acolhimento das expressões de sentimentos ou de angústia transferencial do lado dos analistas. Afinal, os ateliers clínicos só podem ser feitos de forma presencial.

Essas são algumas das razões pelas quais entendemos a importância do XIII Congresso ser realizado presencialmente. Esperamos que a presença de todos seja grande e significativa!

IP: *Muito obrigado!*